

Raízes mineiras

O princípio foi, então, uma prática que surgiu quase espontaneamente para apoiar fregueses habituais – não só da Casa Moreira Salles, mas de muitos estabelecimentos semelhantes. O espírito empreendedor de alguns oferecia soluções financeiras para apoiar o desenvolvimento do Brasil. Foi o que viabilizou a produção cafeeira, a principal do país, naqueles anos da década de 1920, possibilitando o acesso dos produtores a serviços de crédito e outras pequenas transações de que o interior era carente.

Em meados da década de 1930, concluído o curso de direito, Walther Moreira Salles estava totalmente integrado à direção da casa bancária da família. No entanto, muitas transformações ocorreram no sobrado da rua Paraná e na própria composição societária do negócio. Até então, a Casa Bancária Moreira Salles tinha suas operações restritas à região de Poços de Caldas. Mas, antecipando a vocação de juntar-se a outras instituições com vistas sempre ao crescimento, já em 1940 irá se unir à Casa Bancária de Botelhos e ao Banco Machadense, consolidando a trajetória que vai transformá-los em um banco atuante no país inteiro.

Esse período é composto de episódios fundamentais, bem como de personagens que irão desempenhar papel marcante na história do Itaú Unibanco. Portanto precisa ser contado com mais detalhes.

A Casa Moreira Salles teve diferentes quadros de sócios, que se sucederam desde seu estabelecimento, em 1919. A primeira sociedade foi com o cunhado de João Moreira Salles, Pardal Vilhena de Alcântara. Foi a primeira Moreira Salles & Cia., fechada em 1923, e substituída por outra empresa com o mesmo nome, que entrou em operação em novembro daquele ano.

Poços de Caldas, balneário elegante e famoso por suas fontes de águas sulfurosas, contou com a frequência assídua de Getúlio Vargas, tornando-se sede informal do Estado Novo durante o verão. O município, fundado em 1872, foi um dos mais prósperos do sul/sudoeste de Minas no auge da economia cafeeira na região. Como referência da sofisticação local, além do Palace Hotel, Cassino e Termas, estava a Casa Moreira Salles (em primeiro plano na foto) – Estabelecimento Comercial e Bancário – uma espécie de loja de departamentos sofisticada para o local e época.



Walther Moreira Salles, na formatura de bacharel em direito, em 1936, pela tradicional e afamada Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo.

A nova Moreira Salles & Cia. tinha como sócios, além de João Moreira Salles, que entrava com duzentos contos de réis, o senador José Júlio de Andrade. Residente em Belém, Pará, era o sócio “comanditário”, ou seja, aquele que participava com o maior volume de capital. Tratava-se de um político que costumava passar férias em Poços de Caldas. Eram também sócios Otávio de Andrade Queirós, sobrinho do senador, e Inocêncio Portella de Aguiar, cada qual entrando com cinquenta contos de réis. Havia ainda Renato Santos, funcionário da casa, que agora entrava para a sociedade.

Os sócios começaram a se desentender com preocupante frequência. João Moreira Salles, mesmo mudando-se para Santos, não abandonou de vez a loja e passava temporadas em Poços de Caldas. No entanto, na maior parte do tempo, eram os sócios que se encarregavam da administração do negócio. Há registros em correspondência evidenciando conflitos entre os sócios que permaneceram na cidade, assim como discordâncias de João sobre a maneira como a casa vinha sendo conduzida por eles. Renato Santos, num momento de insatisfação, ameaçou retirar-se da sociedade, e foi preciso que João, em carta, pedisse aos outros sócios que se esforçassem para fazê-lo mudar de ideia.

Noutro momento, um atrito mais grave quase encerrou de vez a participação de João Moreira Salles na casa bancária. Foi em dezembro de 1925. João é informado de que alguém do Rio de Janeiro desejava entrar no negócio. Escreve então a Otávio de Andrade Queirós – em carta de 15 de dezembro –, afirmando: “Devido aos meus afazeres e interesses aqui, eu não porei em dúvida ceder a minha parte aí, mesmo com prazo meio longo, porque então somente pensaria e empregaria meus recursos na casa comissária”.

No entanto, uma reviravolta aconteceu. Em 25 de janeiro de 1927, a sociedade é desfeita, e não é João que sai, mas os seus sócios. Uma nova empresa surge, tendo como donos agora João Moreira Salles e João Affonso Junqueira – membro da mais antiga família de Poços de Caldas, proprietária das terras nas quais foram descobertas as famosas águas medicinais da região. João Affonso, conhecido pelos amigos como Pelota, vai se manter na sociedade até 1933, quando então cederá sua parte a Walther Moreira Salles. Depois disso, a empresa passaria a ter como sócios exclusivamente pai e filho (respectivamente 70% e 30%) – e o bom entendimento entre ambos foi um elemento essencial para a sua prosperidade.

Aos 21 anos, Walther compreendeu que a parte mais dinâmica do negócio era justamente a casa bancária, uma instituição financeira cada vez mais sólida no cenário local. A Casa ganhou grande impulso em parcerias com os poderes públicos, principalmente durante os mandatos de Francisco de Paula Figueiredo entre 1931 e 1939. A Casa Moreira



Salles financiou as obras da prefeitura no Ginásio Municipal, e entrava, com frequência, como avalista na compra de materiais não só da prefeitura, mas da Superintendência dos Serviços Termiais de Poços de Caldas, empresa do governo do estado.

Assim, a venda de mercadorias diversas foi cedendo lugar às operações financeiras. O sobrado da rua Paraná praticamente já não era um armazém, mas um estabelecimento que concedia créditos, financiamentos etc. E dessa maneira entra na década de 1940, agora com pretensões ampliadas, para o que contribuiu decisivamente a visão de mundo de Walther Moreira Salles, que tinha a convicção de que a casa bancária só poderia crescer caso se juntasse a outros empreendimentos similares da região.

Crescer seria absolutamente necessário, uma questão de sobrevivência para que uma instituição financeira pudesse corresponder aos desafios que antevia. Inclusive as dificuldades da conjuntura econômica, cada vez mais complexa. Além disso, havia o sonho de um dia criar um banco forte, com poder real de contribuir para o progresso brasileiro. Walther, primeiramente, tentou associar-se ao Banco de Alfenas, mas o Banco da Lavoura de Minas Gerais antecipou-se e fechou o negócio antes. Depois, procurou, também sem êxito, juntar-se ao Banco Santarritense, de Santa Rita do Sapucaí. E finalmente chegou à Casa Bancária de Botelhos, dirigida por Pedro di Perna.

Não parecia uma tentativa promissora. Havia alguma hostilidade entre o grupo de Botelhos e o de Poços de Caldas. Além disso, Pedro di Perna tinha um temperamento forte – era o mínimo que Walther poderia dizer sobre o homem com quem nunca tivera maiores contatos diretos. Não poderia prever que, além de sócios, se tornariam amigos e colaboradores bastante próximos.



João Moreira Salles à frente de seu carro, bem reservado a poucos na época, um sinal de boa situação financeira e posição social.

João Moreira Salles no escritório montado nos fundos do magasin, onde se atendia informalmente aos clientes que necessitavam de serviços financeiros, fossem adiantamentos pelas safras de café e implementos agrícolas ou empréstimos aos jogadores do Cassino do Palace Hotel.

Década de 1930

Brasil na era do rádio



Por ter começado em meio à crise do sistema econômico mundial e terminado com uma catastrófica guerra, para muitos historiadores, a década de 1930 foi a mais conturbada do século XX.

Iniciou-se com a aceleração da grande Depressão, causada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929. As falências se disseminaram por todo o mundo ocidental como se as empresas estivessem em um jogo de dominó – caindo a primeira, derruba a segunda e assim por diante. Já havia alguma reação nos EUA: o presidente Franklin Roosevelt propôs um modelo econômico diferente para o país, o New Deal. Tratou-se de um esforço de recuperação e da intervenção governamental em várias instâncias da atividade econômica,

algo inédito para aquela que fora até então a pátria do liberalismo.

John Steinbeck retratou em seus romances a sombria atmosfera que, naqueles anos duros, abalou o encanto que a nação norte-americana exercia sobre o planeta.

Na Europa, sentia-se a tensão crescer. Aos poucos o nazifascismo, aproveitando as dificuldades da população – e principalmente a penúria em que a Alemanha fora deixada depois da derrota na I Guerra –, alastrava-se. As forças sociais entraram em conflito em vários países. E tudo culminou, ao final da década, na II Guerra Mundial.

Enquanto isso, no Brasil, vivia-se o encanto da Era do Rádio. Getúlio Vargas usou o rádio para comunicar-se com as

massas empobrecidas. Seu bordão de abertura – “Trabalhadores do Brasil” – até hoje é lembrado. Vargas percebeu que o rádio, uma mídia que entrava na casa das pessoas e convivia com elas em seus momentos de intimidade familiar, era um poderoso instrumento de integração nacional. O rádio logo se tornaria um gerador de modas, de sonhos, e a grande paixão do povo brasileiro.

Vivia-se um momento particularmente rico na música popular brasileira. Os sambistas tradicionais – criadores do samba urbano – ganhavam finalmente plateias e prestígio. Isso além de intérpretes que entraram para a nossa história cultural. Até mesmo o cinema ganhou novo impulso, com produções que tinham como estrelas os grandes nomes do rádio.

No ano de 1932, a Revolução Constitucionalista, a partir de São Paulo, tentou pôr fim ao governo Vargas. Foi derrotada. Em seu rastro outras tentativas restritas, como a Intentona Comunista de 1935, liderada por Luís Carlos Prestes e o Partido Comunista, e a sublevação dos integralistas em 1938, já sob a ditadura, foram igualmente debeladas.

No bojo de toda essa comoção política, o presidente Getúlio Vargas comandara um golpe de Estado, em novembro de 1937, concentrando todo o poder político em suas mãos. Seria a ditadura do Estado Novo, que duraria até 1945. Vargas substituiu as oligarquias do leite e do café pela intervenção do Estado, atingindo todas as atividades econômicas relevantes.

Foi de fato uma década conturbada para o Brasil e para o mundo.



Na página anterior, Getúlio Vargas, chamado pelo povo de Gegê, fez do rádio seu veículo de propaganda, fosse para mensagens políticas para os “trabalhadores do Brasil”, conforme jargão inicial de seus discursos na “Hora do Brasil”, da Rádio Nacional, fosse como espaço preferencial de cantores que festejavam seu governo e se lançavam na vida artística.

Soldados da chamada Revolução Constitucionalista de 1932 posam para a foto, com destaque para a exposição do jornal O Estado de S. Paulo, de Júlio de Mesquita Filho, veículo propagandista do movimento pela derrubada de Vargas. A luta armada eclodiu em 9 de julho e durou até outubro, com a derrota dos revolucionários. 9 de julho permanece como a maior data cívica paulista.

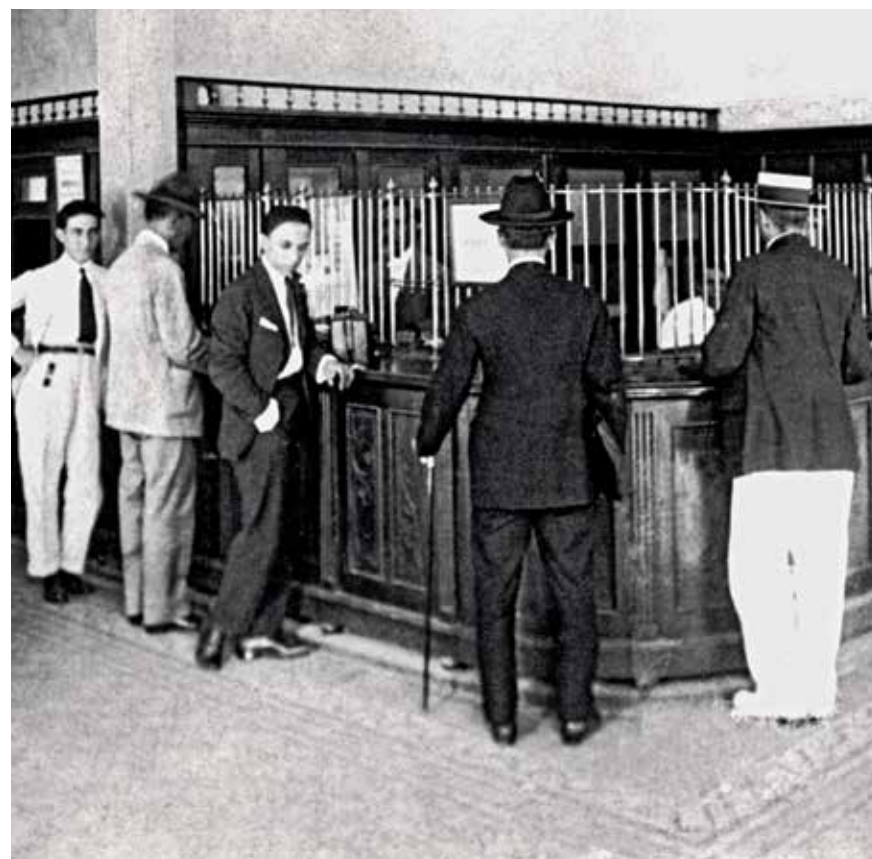


Na montagem de fotos de carnavais da década de 30, o destaque para os cantores da Era do Rádio, momento de deslumbramento do imaginário brasileiro, que projetou inúmeros cantores e compositores. A década é considerada por especialistas um dos momentos de ouro da MPB.



A Casa Bancária de Botelhos, em Minas Gerais, criada em 1921 por Pedro di Perna, Vicente Tepedino e mais três sócios. Na pequena escala e singeleza de sua arquitetura revelam-se os trabalhos limitados de um banco do interior mineiro da década de 1920.

A Casa Bancária Moreira Salles, na década de 1930, nos tempos em que se distribuía cofrinhos aos clientes e os serviços de bancos eram usados por poucos.



Pedro di Perna nasceu em Piaggini, província de Salerno, Itália, em 1899. Com apenas nove meses, foi trazido para o Brasil pelos seus pais. Vinham tentar a vida numa nova pátria, como tantos outros imigrantes, e estabeleceram-se em São José de Botelhos, em Minas Gerais, cidade a cerca de 30 quilômetros de Poços de Caldas.

Também como a maioria dos imigrantes, a família di Perna tinha poucos recursos. Ainda criança, Pedro já trabalhava na firma do cunhado, a Vicente Tepedino & Cia., e por isso não frequentou a escola regular. Foi alfabetizado pelo padre Eduardo, pároco local. Nessa época já percorria as fazendas e localidades montado num burro, oferecendo tecidos às senhoras, sempre com o caderno de amostras debaixo do braço.

Tudo o que conquistou foi com grande esforço. Em 1921, com o cunhado Vicentino e mais três sócios, fundou a Casa Bancária de Botelhos – autorizada a funcionar pela carta patente nº 692, de 6 de agosto daquele ano. Em 1922, tendo como sócio Francisco Trezza, fundou em Santos a casa comissária de café F. Trezza & Perna, tendo como negócio principal a compra da produção cafeeira da região para posterior revenda.

Já se percebe daí a identidade entre di Perna e os Moreira Salles. No entanto, eram concorrentes, no sul de Minas, e havia certa animosidade entre eles, alimentada pelas intrigas de praxe. Walther iria sempre se recordar de Pedro di Perna, quando jovem, como um homem bonito, que gostava de guiar belos automóveis. Quando o via chegar ao Banco



Comércio e Indústria, em frente à Casa Moreira Salles, sentia como se o inimigo estivesse se articulando, bem à sua porta. E se estivessem combinando a união que ele mesmo tanto desejava?

Em vez de se encolher, acuado, Walther resolveu partir para a ação. E o fez com o talento diplomático que iria pontuar sua trajetória. Foi procurar di Perna. Na conversa, ressaltou que suas especialidades eram as mesmas, assim como as bases geográficas de suas operações. Tinham mais pontos em comum que diferenças. Por que então não se unirem, em vez de concorrerem um contra o outro?

Pedro di Perna, por força da lógica da argumentação, das vantagens do negócio proposto, e sobretudo pela habilidade de trato de seu interlocutor, logo deixou as restrições de lado. Ele se tornaria um executivo importante na organização que ali se gestava. A ponto de muitos dizerem que, sem ele, Walther Moreira Salles não teria tido nem a disponibilidade, nem a tranquilidade para empreender sua carreira política e diplomática.

Além disso, por coincidência, na ocasião desse primeiro contato, Pedro di Perna possuía uma informação importante. Os donos de outra instituição financeira do sul de Minas, o Banco Machadense, procuravam empreendedores interessados em assumir o negócio.

Fundado em 1921, em Machado, outro centro cafeeiro importante da região, a 75 quilômetros de Botelhos, o Machadense era propriedade de grandes fazendeiros que o haviam criado para apoiar suas atividades agrícolas e comerciais. No entanto, não tinham interesse real no negócio bancário e sentiam-se desgastados com a experiência. Di Perna fez os primeiros contatos, depois viajou para o Rio de Janeiro, onde se encontrava Walther, para consultá-lo.



Banquete no Palace Hotel, ponto de encontro das elites em Poços de Caldas nas décadas de 20 e 30.

Walther Moreira Salles, já advogado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, sócio da Casa Bancária Moreira Salles, interlocutor das autoridades do governo e jovem de especial traquejo social.

A primeira fusão: 4 de maio de 1940, na sede do Banco Machadense, na praça Antônio Carlos, 120, em Machado, Minas Gerais, quando da assembleia para fundação do Banco Moreira Salles.





Primeiro resultado da vocação agregadora do futuro embaixador: o Banco Moreira Salles, na década de 1940, em arquitetura sóbria e despojada de linhas art déco.

Walther aceitou a ideia desde o primeiro momento. A união de três instituições criando um banco forte vinha ao encontro de seus projetos. Logo, Walther entrava em contato com João Moreira Salles e com seu sócio na Companhia Brasileira de Café, Júlio Avellar.

Poucos meses depois, reuniam-se todos no sul de Minas, Pedro di Perna, Walther e João Moreira Salles, e Júlio Avellar. Estava também presente o dr. Benedito Mendes Ribeiro, que se transferiria para Poços de Caldas e permaneceria, ao longo de sua longa e bem-sucedida carreira, como um colaborador do banco que ajudou a nascer.

Em 4 de maio de 1940, na sede do Banco Machadense, na praça Antônio Carlos, 120, em Machado, foi realizada a assembleia de fundação do novo banco, com início às 14 horas. A mesa, da qual fazia parte João Moreira Salles, foi coordenada pelo presidente do Banco Machadense, Oscar de Paiva Westin. Os motivos que levaram à unificação dos três estabelecimentos não poderiam ser mais consistentes. Para começar,



Na década de 50, diretores, administradores e gerentes do grupo Moreira Salles em homenagem a Pedro di Perna – sentado ao centro, tendo à direita Eduardo da Silva Ramos e à esquerda João Moreira Salles (com Walther Moreira Salles, de pé, atrás).

a nova instituição já iniciaria com um capital considerável – seis mil contos de réis. A Casa Bancária Moreira Salles entraria com seu capital, avaliado em mil e duzentos contos. O Machadense, com mil, também o montante de seu capital. Já a Casa Bancária de Botelhos entraria com quinhentos contos de réis, e os restantes três mil e trezentos contos seriam integralizados pelos sócios, individualmente, valendo cada ação quinhentos mil réis.

Não houve discordância sobre o nome que teria o novo banco. O próprio Westin encarregou-se de apresentar a proposta aos acionistas: “Resolvemos sugerir aos senhores acionistas o título de Banco Moreira Salles. É um nome de grande expressão e de um crédito dos mais lisonjeiros. Trata-se do criador da Casa Bancária Moreira Salles & Cia., de um mineiro de raro valor, que tem trazido ultimamente para o Banco Machadense grandes serviços e elevados recursos”.



O empreendedor João Moreira Salles.

A sede seria em Poços de Caldas e a definição de cargos traduziu a representação do gerenciamento coletivo do empreendimento, que se tornaria uma marca cultural da instituição. O presidente seria João Moreira Salles. Como diretor e vice-presidente, Arthur de Lacerda Pinheiro. Walther Moreira Salles seria diretor-superintendente e, como diretor secretário, entrou Júlio de Souza Avellar.

Filho de Walther Moreira Salles, e hoje presidente do Conselho de Administração do Itaú Unibanco, Pedro Moreira Salles guarda uma lembrança bastante emblemática da postura do pai, nesse aspecto da realização de negócios: “Meu pai foi uma figura agregadora. Tudo que ele construiu na vida, construiu junto com outros. E ele sempre reconheceu isso. Meu pai nunca foi a figura do eu, eu, eu. Nunca. Eu fiz, eu isso, eu aquilo. Sempre era um nós e um nós legítimo, não um nós populista”.¹

Reforçando essa evocação, o economista Fernando Costa em seu livro *O Brasil dos bancos*, destaca justamente que: “As associações (inclusive internacionais) sempre foram uma constante na história do Grupo Moreira Salles. Os contatos políticos e a representação de estrangeiros são marca distintiva do Grupo Moreira Salles e, em particular, do embaixador Walther Moreira Salles, no panorama do mundo brasileiro dos negócios e das empreitadas empresariais”.²

A escolha de João Moreira Salles como presidente dava-se também por sua expressão econômica e social, não só em Minas Gerais, mas já consolidada em São Paulo, principalmente em Santos. Quanto a Arthur de Lacerda Pinheiro, mantinha forte ligação com a família do Banco Machadense, era empresário de expressão no Rio de Janeiro e presidente da Cia. Sul Mineira de Eletricidade. Walther Moreira Salles foi uma indicação lógica, uma vez que desempenhara o papel de grande articulador daquela união de instituições, além de seu enorme talento para lidar com finanças e da estreita participação nos negócios do pai. Júlio de Souza Avellar, proprietário de casa comissária de café e algodão no Rio de Janeiro, entrava pela sociedade com João Moreira Salles na Companhia Brasileira de Café, em Santos.

Pedro di Perna, da Casa Bancária de Botelhos, de início, não figurou oficialmente na diretoria. Isso se deveu, na época, à proibição de estrangeiros em cargos de direção. Ao naturalizar-se brasileiro, em 1943, tornou-se diretor vice-presidente.

É importante destacar que Pedro di Perna foi figura decisiva para o nascimento do Banco Moreira Salles e para o desenvolvimento da instituição. Di Perna mostrou-se a melhor retaguarda que poderia existir para a carreira internacional de Walther Moreira Salles. Muitos antigos funcionários do Unibanco o destacam, ainda hoje, como um banqueiro por excelência, com vocação e talento natural para o negócio. Mostrou-se decisivo na fusão da Casa Bancária de Botelhos, de sua propriedade, à



Casa Bancária Moreira Salles, inclusive com o desprendimento de abrir mão do nome de seu banco.

Israel Vainboim, que foi presidente do Unibanco e que o conheceu ainda no Banco Moreira Salles, disse sobre o personagem, em entrevista para este livro: “Pedro di Perna teve um papel relevante na história do Unibanco. Eu o conheci no 7º andar do edifício Barão de Iguape, na praça do Patriarca, então sede do banco. Já era um senhor de idade, sujeito encantador, caloroso, ia ao escritório todos os dias e dividia uma sala imensa com dr. Walther. Na outra extremidade sentava-se o dr. Roberto Bornhausen. A atuação de Pedro di Perna permitiu ao dr. Walther morar fora do Brasil alguns anos”. Israel registra ainda que Walther costumava dizer que o grande presidente do banco – sem nunca ter sido presidente oficialmente – foi o Pedro di Perna. E conta que, no dia em que o embaixador lhe chamou para oferecer a presidência, fez questão de registrar a importante contribuição de Pedro di Perna para o sucesso da administração: “Dr. Walther mencionou que os primeiros presidentes foram João Moreira Salles, ele próprio e Roberto Bornhausen, mas que o grande presidente desse banco, que nunca fora presidente de fato, foi o Pedro di Perna, porque ele era o sócio que cuidava do dia a dia”.

Pedro di Perna foi diretor-superintendente do banco e responsável por uma expansão extraordinária da rede de agências do banco: “Imagine que naquela época não havia teleprocessamento, mal funcionava o correio e, mesmo assim, nós tínhamos agências na fronteira com a Bolívia.

Um brinde à constituição do Banco Moreira Salles, em foto de 1940. Ao centro, João Moreira Salles e Walther Moreira Salles, pai e filho.



Rua XV de Novembro, em São Paulo, na década de 1930, uma das ruas de maior prestígio do Triângulo, o coração da Pauliceia.

Se o sistema financeiro tinha de acompanhar seus clientes e se os clientes estavam avançando para Mato Grosso e Goiás, tínhamos também de ir para esses lugares. E isso aconteceu no Paraná, assim como na construção da rede de agências de São Paulo”.

Houve momentos em que a família Moreira Salles dependia exclusivamente de Pedro di Perna. Nunca houve discordâncias. Em vida, orientou a esposa para que, quando ele morresse, as ações fossem vendidas para a família Moreira Salles. O casal não tinha filhos, mas ele tinha herdeiros, sobrinhos, e preocupava-se em evitar que o lote de suas ações se dissolvesse.

O curioso é que eram sócios distantes em idade. Ele era muito mais velho do que o dr. Walther, mas de acordo com Israel tinham “uma relação de primeiríssima”. O nome do filho de Walther, Pedro, é em homenagem a di Perna.

No dia 15 de julho de 1940, o Banco Moreira Salles recebeu a carta patente nº 2.309. A casa comercial de Poços de Caldas encerrou suas atividades. Todo o espaço físico do sobrado das ruas Paraná com Bahia foi ocupado pelas atividades financeiras. As agências do Banco Machadense – em Cabo Verde, Campestre e Gimirim (atual Poço Fundo) – viraram agências do Banco Moreira Salles. Assim como as antigas sedes do Machadense e da Casa Bancária de Botelhos.

É bem verdade que o Brasil vivia os tempos obscurantistas e centralizadores da ditadura Vargas, iniciada em 1937, o chamado Estado Novo. A prática política, na sua feição democrática, fora abolida. A oposição fora silenciada, ou estava nas prisões. Praticava-se a tortura e a censura à imprensa e aos demais meios de comunicação. Todo o poder estava concentrado nas mãos do presidente, que procurava abrandar os problemas do país e manter sua imagem com apelos à união do povo e declarações de solidariedade aos mais pobres e aos trabalhadores.

Muitos dos principais membros do governo – e, dizia-se, até mesmo o presidente – simpatizavam com as forças do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. Por certo tempo, temeu-se que Vargas entrasse na guerra ao lado de Hitler e Mussolini, o que tornaria o Brasil uma cabeça de ponte para os nazifascistas, no continente. O país aguardava em suspense a definição de Vargas por um dos lados do conflito. Getúlio só aderiu à causa já tendo certeza de que receberia em troca apoio financeiro significativo dos americanos para seus projetos desenvolvimentistas.

Mas se o mundo passava mais um período difícil, naquele pedaço do Brasil, no sul de Minas Gerais, ocorria um fato novo, que apontava para a prosperidade.

Já na primeira assembleia que determinou a fusão, Walther Moreira Salles propôs que fosse incluída nos estatutos a possibilidade de abertura



Avenida Rio Branco

de “sucursais na capital federal e agências nas capitais dos estados quando e onde a diretoria julgar conveniente”. Na época, com atuação restrita a uma parte do sul de Minas Gerais, e mesmo tendo acabado de se constituir, a direção do banco já vislumbrava a possibilidade de se expandir para o país inteiro.

É curioso constatar que há um espírito comum entre essa iniciativa, de 1940, e a fusão do Itaú Unibanco, décadas depois. Uma combinação de arrojo e maturidade empresarial que levaria os dois principais personagens do episódio de 2008, Roberto Setubal e Pedro Moreira Salles a afirmar, com destacada repercussão na imprensa e no mercado, que o novo banco já nascia projetando aquisições de instituições financeiras no exterior. Dava-se um salto considerável no cenário nacional. E mais uma vez impondo o dinamismo como resposta a uma conjuntura aparentemente adversa.

Postal da avenida Rio Branco na década de 1930, importante artéria da capital por onde circulavam modernidade e elegância.